

A LÍNGUA PORTUGUESA NAS ESCOLAS DE LUANDA

António Alexandre (antonioalex71@gmail.com)

RESUMO: para este artigo trazemos uma denúncia sobre a fala dos professores nas escolas de Luanda. Os professores enfrentam dificuldades de varia ordem desde o fraco domínio dos conteúdos que leccionam à ausência da competência linguística, ou seja, alguns professores ainda não têm o domínio da língua de trabalho e curioso é que a língua portuguesa para além de ser a língua oficial é ao mesmo tempo a língua utilizada no sistema de ensino. Assim, o fraco domínio por parte dos professores compromete os objectivos de qualquer que seja a disciplina a leccionar, pois a fala assim como a escrita são meios de comunicação, interação e ambas possuem regras.

PALAVRAS – CHAVES: oralidade, norma padrão.

ABSTRACT: for this article we bring a complaint about the teachers' speech in the Luanda schools. Teachers face difficulties of varying degrees from the poor mastery of the content they teach and the absence of linguistic competence, that is, some teachers do not yet have mastery of the working language and curious is that the Portuguese language besides being the official language is at the same time the language used in the education system. Thus, weak mastery by teachers compromises the objectives of whatever discipline to teach, because speech as well as writing are means of communication, interaction and both have rules.

KEY WORDS: orality, norm standard

RESUMEN: para este artículo traemos una denuncia sobre el habla de los profesores en las escuelas de Luanda. Los maestros se enfrentan a dificultades para que van desde el campo débil de los contenidos que enseñan y la falta de conocimiento del idioma, es decir, algunos maestros todavía no tienen el dominio de la lengua de trabajo y curioso es que el idioma portugués, además de ser el idioma oficial es al mismo tiempo la lengua utilizada en el sistema de enseñanza. Así, el débil dominio por parte de los profesores compromete los objetivos de cualquiera que sea la disciplina a impartir, pues el habla así como la escritura son medios de comunicación, interacción y ambas poseen reglas.

PALABRAS –CLAVES: oralidad, norma estándar.

Introdução

Consideramos a educação de base como a condição primordial para uma necessária e urgente transformação social. É a partir da escolaridade de base que se pode construir novas realidades socioeconómicas.

O sector de educação em Luanda experimenta há longos anos dificuldades de várias ordens. Por falta de formação contínua há, nesse sector agentes¹ e funcionários colocados em diversas áreas como: directores, coordenadores e chefes de secretarias que, em abono da verdade, experimentam dificuldades porque não sabem o que fazer, ou seja, muitos desconhecem o seu papel, assim como muitos professores leccionam conteúdos que não dominam e há ainda alguns subdirectores sem domínio de prática pedagógica para contribuir na melhoria dos problemas que os professores enfrentam todos os dias.

No plano formal, vemos os esforços do executivo com a criação de leis e/ou decretos² no sentido de garantir um ensino de qualidade para todos os angolanos e angolanas de Cabinda ao Cunene, mas a falta de implementação acaba por matar o sector de educação.

J.Freeman³ (Paris, 1993) afirmou que , *a educação de base para todos é absolutamente vital.*

Uma das mais sérias consequências tem sido a transição de alunos de um nível para o outro sem possuírem os conhecimentos necessários. Neste sentido, a escola, passa a jogar um duplo papel: um lugar de produção de competências e ao mesmo tempo torna-se um lugar de produção de incompetentes de mal-entendidos.

De um modo geral, a relação escola/comunidade é bastante frágil já que a escola não atrai uma forte participação dos encarregados de educação ou pais nem de outros actores envolvidos no processo do ensino.

¹ professores

² Lei 17/16, de 7 de outubro

Decreto nº 3 /08, de 4 de Março

Decreto presidencial nº138/13, de 24 de setembro

Decreto nº 7/08, 23 de Abril

Decreto 37/03, de 27 de junho

³ J.Freeman

No entanto, a fraca ou baixa qualidade de ensino pode ser medida de diferentes maneiras, sendo uma delas através de disponibilidade de professores.

Não existem professores suficientes, muitos do que existem não receberam uma formação adequada e o seu ânimo e desempenho foram afectados pelo declínio do valor real dos seus salários.

Observa-se nas escolas de Luanda uma crise na leccionalização da cadeira de Língua Portuguesa. Hoje temos nas escolas de luanda ausência de especialistas, isto é, professores formados em Língua portuguesa. Desde o ensino primário até aos chamados liceus.

A língua portuguesa tem uma vasta repercussão na vida social e cultural dos povos, após a independência em 1975, as autoridades angolanas adotaram -na como língua oficial⁴, isto significa que a língua Portuguesa é a língua de trabalho.

Ora bem, o fraco domínio dela levanta um problema geral, primário e até mesmo de segurança nacional e o ensino dela é em abono da verdade, o elemento natural de preservação da língua como veículo de saberes , de desenvolvimento, de coesão e de unidade Nacional.

O que constatamos nas escolas de Luanda urge a necessidade de reformarmos ou seleccionarmos criteriosamente os professores. Entendemos que o problema não está nos conteúdos ou na didática da língua Portuguesa, mas sim um grande deficit de professores de língua portuguesa , mas não é nosso objectivo falar de professores de Língua Portuguesa, mas sim da linguagem , da comunicação assim como do processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem uma vez que os professores têm contacto directo com crianças em classes como iniciação até à sexta classe . Estamos a falar de um período importante para as nossas crianças e sobre isso suscita-me as seguintes questões:

1. Que competência linguística tem o professor do ensino primário?
2. Quem lecciona a cadeira de Língua Portuguesa nos chamados liceus?
3. Quem selecciona os professores?

⁴ A língua Portuguesa está plasmada na constituição como sendo a língua oficial da república de Angola.

Para autores como, por exemplo, Piaget (2007, 1967) e Vygostsy (2007,1998), e embora explicitem significativas divergências entre si, mas defendem o desenvolvimento cognitivo que aqui podemos traduzir em outras palavras **pensamento e linguagem** que é a importância das acções exercidas por indivíduos. A linguagem no recinto escolar deve propiciar um ambiente saudável para os alunos que começam a desenhar um futuro e um crescimento humano integral. De acordo com Atkinson et al (2002) “ a linguagem é o uso organizado e combinado de palavras para fins de comunicação, principalmente, do pensamento. Isto significa que a linguagem é transversal, pois pertence à espécie humana o que possibilita que as pessoas sejam capazes de falar, dominar e usar um sistema linguístico por mais complexo que seja.

A utilização da linguagem possui dois aspectos: um de produção e um de compreensão.

Produzir linguagem significa partir de um pensamento que de alguma maneira é traduzido numa oração e expressado através de sons. Compreender parte de audição de sons desde que sejam de forma correcta a fim de soar bem nos ouvidos dos alunos.

Atkinson (2002) vem nos confirmar que ambos aspectos compõem o processo de aquisição da linguagem e apresentam os níveis da sintaxe, da semântica e da fonologia, que envolvem as unidades de oração, a transmissão de significados e os sons da fala.

Contudo, é importante salientar tal como Papalia e Olds (2000) que a linguagem não consiste apenas na comunicação e transmissão de ideias pelas palavras, que são cruciais no desenvolvimento cognitivo, mas também na comunicação não-verbal, isto é, em gestos e acções, movimentos que expressam emoções sociais.

De um modo geral, em relação aos tipos de fala é uma das manifestações da linguagem, vale ressaltar a fala privada⁵.

Assim, a escola de ser reservada para os académicos e a comunicação feita nas instituições académicas deve obedecer à norma, ou seja, devemos exigir mais dos professores a fim de se evitar as fissuras no sistema linguísticas.

Defendo e sempre vou defendendo que independentemente da cadeira que o professor lecciona esse profissional deve ter o domínio e competência na língua de trabalho quer ele seja de matemática, história, química ou Biologia... etc.

⁵ Sobre a fala privada, ler Papalia e olds ,2000

O problema

Observamos que no ensino primário os professores experimentam dificuldades de vária ordem, desde a conjugação de verbos a regência e com muita frequência confundem o presente do indicativo com o pretérito, outro aspecto relevante que se constatou tem a ver com o desconhecimento do conjuntivo e imperativo que estão na base de constantes irregularidades que se verificam, nos locais de serviço, táxi, rua, hospitais e escolas.

São estes elementos que constituem fissuras no sistema linguístico que trazemos como denúncia no com o objectivo de despertar os escreventes e falantes.

Para melhor ilustrarmos observemos os enunciados:

1.

- a) Quando **fazer** compras vou reservar 5 mil kwanzas.⁶
- b) Amanhã vou **assisti** o funeral do meu vizinho.⁷
- c) Compraste este livro **onde**?⁸
- d) A Joana comprou o que ?⁹
- e) Os gestores deviam criarem as condições para as provas.¹⁰

Vemos que o enunciado 1 (abcde), é marginal pelo facto de os autores claudicarem por não possuírem competências linguísticas. Devemos chamar a responsabilidade a quem atribuiu horário a estes professores.

Não necessitamos de grande esforço de interpretação para intuir que, no enunciado 1 abcde, nos confrontamos com uma cratera linguística.

O enunciado em 1(a) apresenta- no um advérbio temporal cujo comportamento exprime uma atitude para o futuro,sendo assim seria aceitável a seguinte transcrição:

Quando fizer compras...

Relativamente em 1(b) a estrutura verbal apresenta-nos duas fissuras, isto é , o ADN do verbo **assistir** pelo contexto em que está inserido exigiria a preposição // a // e em

⁶ Professora do ensino primário da escola do Sequele, ano lectivo , 2018.

⁷ Professora do ensino primário da escola da centralidade do Sequele, ano lectivo , 2017

⁸ Professora do ensino primário do Cazenga, na sala de aula, em conversa com uma aluna.

⁹ Professora do ensino primário ,da escola nossa senhora de Anunciação, no Sequele.

¹⁰ Sud director pedagógico, escola do Sequele, em conversa com professores na véspera de provas, em2018.

segundo lugar, observa-se a ausência do grafema // r//, elementos suficientes para tornar o enunciado marginal do ponto de vista de estabilidade frásica. A outra particularidade é o facto de o contexto em que a estrutura verbal se encontra exigiria objecto indirecto como se pode observar na correcção que propomos:

Amanhã vou assistir ao funeral do meu vizinho.

Quanto ao enunciado 1 (cd), trata-se de duas interrogativas parciais cujas características passam pela mobilização obrigatória do morfema **Q** no início da frase.

No caso concreto destes exemplos, não ocorre o morfema **Q** no início das frases, mas sim no fim. Porém, constitui uma prática corrente, nas escolas, ou seja, na fala dos professores quer em salas de aulas quer em recinto escolar¹¹, sendo assim consideradas como frases marginais.

Finalmente, em 1 (e) é frequente e faz parte da prática linguística corrente, na fala dos professores nas escolas em que percorri, em Luanda.

A sequência frásica transcrita em 1 (e), é na verdade uma estrutura frásica completa com verbo auxiliar.

Mateus (2003), aconselha-nos apenas a flexionar o primeiro verbo, assim teríamos uma estrutura gramatical como se aconselha:

Os gestores deviam criar condições para as provas.

O modo indicativo, o conjuntivo e o imperativo, são as três categorias clássicas que a língua Portuguesa atrela desde a época do latim. Portanto, existem, no sistema linguístico do Português europeu, desinências verbais que caracterizam as categorias acima referidas.

Atente-se nas referidas estruturas frásicas:

2.

a) Talvez eu **vou** comprar o arroz apenas amanhã.¹²

b) Logo que terminarem **arrumam** o material.¹³

¹¹ Entendemos como recinto todo o espaço que circunda a escola, pátio, sala de professor, corredor...

¹² Professor do liceu, na escola do Sequele, 2018

¹³ Professora de educação física, no liceu, Sequele

c) Vou te dar boleia, embora eu **vou** sair apenas às 10 hrs¹⁴.

e) Lamento que ele está reprovado.¹⁵

O nosso ensino vive agravado pela debilidade estrutural do sistema no que diz respeito ao processo de ensino e aprendizagem. Muito são os motivos, hoje qualquer pessoa pode ser professor de qualquer disciplina, estamos a falar de professores que escrevem e falam com muitos erros, em abono da verdade, se continuarmos assim, estarão sempre visíveis as fissuras no sistema linguístico e é mais grave quando são professores que apresentam debilidades, ou seja, fraco domínio da língua de trabalho.

Os directores também, têm responsabilidades na distribuição de horários, pois constatamos em algumas escolas pouco trabalho sério, isto é, os horários são distribuídos sem critérios isto significa que qualquer professor pode leccionar a cadeira de Língua Portuguesa.

Deste modo, em nada vale os esforços dos directores gerais ou pedagógicos, quando distribuem um horário de língua Portuguesa a um professor formado em filosofia ou francês por exemplo.

Até aqui falamos de professores no sentido geral, mas há em algumas escolas professores de língua portuguesa com fraco domínio ou sem competências linguística para leccionarem .

Ora, o professor de língua portuguesa deve possuir um conhecimento sólido e reflexivo em duas dimensões fundamentais:

- A dimensão científico- pedagógica
- A dimensão interpessoal /social

Para Azevedo (2018,p118), ao nível da dimensão científico –pedagógico , o professor deve possuir conhecimentos actuais, solidamente fundamentados por uma teoria e por uma prática reflexiva e interactuante, em , pelo menos três domínios:

¹⁴ Professor de Língua Portuguesa, escola do Cazenga, escola 3049, 2018.

¹⁵ Professora de Língua Portuguesa, escola do Sequele, em conversa com uma encarregada de educação.

- Formação linguística
- Formação psicológica
- Formação pedagógica

Verifica-se que os professores por não possuírem conhecimentos sólidos, pecam por lhes faltar as dimensões acima referidas .

Para Nunes Junior¹⁶ (2018) o sistema do ensino angolano ainda é caracterizado por profundas insuficiências, sobretudo no que diz respeito à qualidade dos professores, a todos os níveis.

Portanto, é sobre um segmento escolhido que se vai analisar alguns aspectos de língua Portuguesa.

Imperativo negativo

os verbos de 1^a, 2^a e 3^a conjugação

1 ^a (AR) Conjugação		2 ^a (ER) Conjugação	3 ^a (IR) Conjugação
<i>TU</i> <i>Informal</i>	(a) <i>tua</i> <i>Exemplo: explica</i>	(e) <i>tua</i> <i>Exemplo: escreve</i>	(e) <i>tua</i> <i>Exemplo: Ouve</i>
<i>VOCÊ</i> <i>Formal</i>	(e) <i>sua</i> <i>Exemplo : explique</i>	(a) <i>sua</i> <i>Exemplo: escreva</i>	(a) <i>sua</i> <i>Exemplo: Oiça</i>

Trazemos o uso de imperativo negativo por **tu**

3.

- a) Não faz isso...¹⁷

¹⁶ Manuel Nunes Junior, Ministro de estado do desenvolvimento social, na abertura do encontro nacional de educação, em Luanda. Disponível www.Jornaldeangola.com: segunda-feira, 7 de Maio, pág. 3

¹⁷ Professor de língua portuguesa, escola do Zango

- b) Não entra depois do professor¹⁸
- c) Não apaga o quadro.¹⁹
- d) Você quer saber a nota do teu filho ou irmão? Então lê o boletim²⁰.

O enunciado 3 (abc) oferece-nos frases imperativas com uma estrutura muito estranha, ou seja, o desconhecimento do uso do imperativo negativo leva os autores a claudicarem na sala de aula e /ou em local de serviço.

É perturbador ouvir professores de língua portuguesa com tamanha dificuldades e um total desconhecimento da língua que leccionam, portanto, verifica-se a ocorrência de desestruturação no sistema linguístico dos autores e curioso é que são jovens, isto é, professores com idade entre 30 a 40 anos de idade.

Uma chamada de atenção é feita à estrutura frásica 3 (d) que apresenta uma fissura do ponto de vista de uniformidade. O autor claudica ao confundir o comportamento semântico de pronome recto **Você** e **Tu**, pois embora /você/ e /tu/ se refiram à segunda pessoa do discurso, /tu/ pertence à 2.^a e /você/ pertence à 3.^a pessoa gramatical.

Nesta conformidade, se considerarmos o enunciado 3(abcd), damos-nos conta da ocorrência de um cocktail de erros que vai de encontro à norma padronizada.

Advérbios

Os advérbios constituem, na verdade, uma das classes de palavras que mais dúvidas suscita ou por não termos tido bons professores ao longo da nossa formação ou por ser um grupo de palavras que exige um estudo mais profundo.

Alguns professores em conversa responderam-nos que aprenderam vagamente que os advérbios são modificadores de verbos e nada mais, um segundo grupo confirma ter ouvido falar de advérbios de tempo, lugar, quantidade, negação, mas nunca houve um esclarecimento sobre o comportamento dos advérbios.

Não é nosso objectivo fazer um estudo abrangente sobre os advérbios, apenas trazemos algumas irregularidades que achamos melhor esclarecer.

¹⁸ Professor de língua Portuguesa, na escola do Sequele. Liceu IIº ciclo, 2018

¹⁹ Professor de Língua Portuguesa, escola do Sequele. Liceu IIº ciclo, 2018

²⁰ Professora de História, na reunião com os encarregados de educação e pais, ano lectivo 2018, IIº trimestre, escola do Sequele.

4.

- (a) O aluno inteligentemente queria fazer o uso de cábula²¹.
- (b) O delegado da sala 10 perfeitamente²² fala Francês.
- (c) Felizmente o salário caiu.²³

Segundo assinala Costa (2008) os advérbios modificadores de predicados ocupam tipicamente posição pós-verbais. Trata-se porém, de um depoimento suficiente para condenar a estrutura frásica em 4 (abc). Se voltarmos a observar o enunciado em 4 (abc) com o qual procedemos à enunciação em análise damos-nos conta que nele pulula uma variedade de fissuras pelo facto de os advérbios se hospedarem à esquerda dos verbos o que constitui desde já uma instabilidade linguística do falante.

Como se observa, os advérbios ao se hospedarem à esquerda do verbo, escapam do ponto de vista estrutural, à referida catologação.

No entanto, a forma mais suave seria:

- a) O aluno queria fazer o uso da cábula inteligentemente.
- b) O delegado da sala 10 fala Francês perfeitamente.
- c) O salário caiu felizmente.

Variante Fonológica

A variante foi observada na escola primária e também no 1º ciclo no zango, Sequele, Cazenga, Sambizanga, Samba, Viana e Kicolo, é uma manifestação que consiste na troca da lateral alveolar /l/ pelo /r/ vibrante simples, é também conhecido como rotacismo. Segundo Costa (2007p.01), “o rotacismo é uma regra variável que depende do contexto silábico em que ocorre e que está condicionada por factores sociais como escolaridade e a faixa etária”.

Para melhor percebermos trazemos alguns enunciados:

5.

- a) Depois da planificação não **vorto** mais em casa²⁴.

²¹ Professor de história, liceu do Sequele, 2018

²² Professora de Francês, liceu do Sequele, 2017

²³ Director de uma das escolas, do Sequele, em conversa com um grupo de professores.

²⁴ Professora de biologia, escola do cazenga, ano lectivo 2018.

b) 8 mil kwanzas já faz **farta**.²⁵

c) **Arguém** me disse que este mês vão pagar também a metade do décimo terceiro mês²⁶

Os autores do enunciado 5(abc) não deveriam exercer actividade de docência por apresentarem lesões graves no sistema linguístico, mas a falta de acompanhamento e por comportamento estranho na seleção de professores acaba por contribuir para fenómenos desta natureza.

Para Lopes (1995 p.102-103) “os fonemas vibrantes são resultantes de brevíssimos e repetidos bloqueamentos parciais da corrente de ar, provocados por movimentos vibratórios da língua ao colidir com os dentes, e o fonema alveolar é resultante do bloqueamento parcial da corrente de ar, que se escoia pelos lados da língua“. Costa (2007) oferece-nos mais uma vez sobre o mesmo fenómeno o seguinte:

a realização de uma vibrante no ataque ramificado
seria motivada pelo facto de que este segmento propicia
melhor estrutura silábica .P5

Na comunicação verbal quotidiano, há enunciados que gozam de uma postura que se demarcam da norma Padrão, isto é, a atitude do enunciador é definida pela escolaridade era nula ou baixa, mas espantosamente vemos professores a experimentarem dificuldades de várias ordens.

Como se pode reparar em 5 (abc) , constata-se que , nestes enunciados, se estabelece uma aliança entre o enunciador que pulula pelas ruas e enunciador com um nível de escolaridade superior afectado de rotacismo.

Forma de Tratamento²⁷

Na comunicação verbal quotidiana é comum o hibridismo entre o tratamento informal e formal, mas é muito frequente em locais como: paragem de táxi, restaurantes, mercados,

²⁵ Professor de Química, escola do Zango, ano lectivo 2018. Em conversa com colegas referindo-se do desconto no seu ordenado.

²⁶ Professor de geografia, escola de Cacucaco, em conversa com colegas na sala de professores, ano lectivo 2018.

²⁷ Sobre forma de tratamento ler , Alexandre, 2016: www.entorse na comunicação.paco.editorial

igrejas, hospitais e estádios de jogos, mas é espantosamente nas instituições escolares onde se poderia evitar a mistura da forma de tratamento como se pode ler :

Para o estudo dos pronomes de tratamentos, consideremos as seguintes sentenças:

6.a) Você fizeste a tarefa²⁸?

b) Explique por palavras tuas o direito Natural²⁹

Como se pode claramente notar, os discursos em (6ab) afiguram-se desviantes à norma padronizada pelo facto de os autores usarem a forma de tratamento formal e informal ao mesmo tempo.

Em (6.a) o pronome Você não faz concordância com o verbo fazer, tornando assim o discurso marginal. A estrutura correcta seria: c) Você fez a tarefa?

A construção em (6b),cuja estrutura começa com o verbo da primeira conjugação, apresenta um comportamento para o tratamento formal e logo não se acasala com o pronome possessivo **tuas**. Na língua Portuguesa o verbo é portador de uma marca de sujeito.

c) Desculpa senhor Director... ouviste hoje a radio Luanda? Falaram para os alunos não pagarem propinas³⁰.

d) Fizeste a tarefa que lhe pedi?³¹

²⁸ Professora de história, 9ª classe, escola do Iº ciclo do ensino secundário, 3042, Cazenga, ano lectivo 2017.

²⁹ Professor de Introdução ao Direito, 11ª classe, IIº ciclo do ensino secundário, escola Óscar – Ribas, no Cazenga, ano lectivo 2017.

³⁰ Professora de geografia, escola do kicolo, ano lectivo 2018

³¹ Professora de Inglês, escola do sequele, ano lectivo 2018

Confrontamo-nos com uma situação que merece muita atenção por se tratar de discursos falados por professores e que em abono da verdade, deixa uma imagem pálida ao corpo de docente e em nada contribui para um o aperfeiçoamento da língua de trabalho, quando os professores claudicam.

Como se pode verificar, o discurso em (6abcd) é inaceitável e o autor claudica pelo facto de tratar o seu interlocutor ora por tu ora por você ao mesmo tempo.

Sendo assim, a estrutura correcta seria:

- e) Explique por palavras **suas** o direito Natural.

CONCLUSÃO

A investigação realizada permite verificar que os enunciados analisados estão infestados de um cocktail de irregularidades. São irregularidades ou entorse na comunicação que ocorrem nas instituições académicas, atenção não é no mercado ou na paragem de autocarro ou de táxi.

Os seus autores definem a docência, essencialmente, como ética e singular nos objectivos que pretendem alcançar e no seu exercício como resposta a uma vocação, a um gosto pessoal. Por isso têm de manifestar um comportamento modelar, uma atitude e um sentir social próprio. Ser professor ultrapassa a mera preparação técnica e científica, esta actividade reclama, também a quem a pratica qualidades pessoais e é na confluência destas duas vertentes que se define o professor.

Esta paixão, contudo, não invalida que os docentes tenham uma visão negativa sobre a classe a que pertencem e a convicção de que é também negativa a apreciação que a sociedade faz sobre a profissão docente.

Resulta ainda da investigação, o interesse dos professores na formalização de um código deontológico que salvguarde a qualidade do serviço prestado e o profissionalismo de quem o desempenha. Quanto às dificuldades abordadas e observadas são motivadas por falta de uma formação contínua dos docentes que terminam as suas formações em várias áreas do saber sem uma consistência. Isto significa que ainda temos um desafio muito grande que é o domínio da língua de trabalho, não basta terminar uma licenciatura, Mestrado ou doutoramento, pois se não tivermos uma competência linguística teremos sempre dificuldades na transmissão de conhecimentos na nossa língua de trabalho.

Deste modo, a acção educativa só pode ser desempenhada por quem acredite que não se limita a transmitir um conteúdo programático, mas que contribui para a formação integral de pessoas, de cidadãos.

Em suma, ensinar é ter esperança numa sociedade mais justa e solidária que saiba evoluir no respeito pela tradição e pela identidade individual.

BIBLIOGRAFIA

ALEXANDRE, António José (2016). Entorse na comunicação entre professor e alunos. Uma análise de enunciados de provas escolares. Paco: São Paulo.

ALI, M. Sahid. (1971). Gramática Histórica da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Livraria Académica.

ALMADA, D.D. (1997) Uma nova pedagogia do ensino do português em Cabo-Verde, in Revista Raízes nº 2 ano 1, Abril- Junho-imprensa praia.

AYALA, M.E.F y Benítez, J.E.A (2012).Lengua Española teoría y práctica,4ª ed.,AGA :Asunción.

AMOR, E. (2001) A oralidade na escola e na aula de Língua Portuguesa, in didáctica do Português, Lisboa: Texto editora.

AMOR, E. (2001) Utilizar técnicas de comunicação, in didáctica do Português.Texto editora: Lisboa.

BANDEIRA, Esperança. O Essencial sobre a Linguística Portuguesa. Editora Nzila. s./d.

BRIONES,Ana Isabel, Eugenia Flavian y Gretel Eres Fernández (2003),Español Ahora, Moderna, São Paulo. P. 21

CARDOSO, A. (1987), Em torno dos conceitos de currículo e de desenvolvimento curricular. Revista Portuguesa de Pedagogia, ano xxi,p.221-332.

CARRICABURO, Norma (1997), Las formulas de tratamiento en el español actual. Arco/Libros, Madrid.P.25

CASTRO,Armando (1978),O sistema colonial em Africa.(Meados do sec. XX),editorial caminho, Lisboa.

COSTA, António Fernandes da (2006), Rupturas Estruturais do Português e Línguas Bantu em Angola. Para uma análise diferencial. Luanda , Universidade Católica de Angola. P.

CUNHA, Celso. CINTRA, Lindley (1994), Nova Gramática do Português Contemporâneo. 8ª ed. Lisboa, Ed. Sá da Costa, p.

Dicionário Editora da Língua Portuguesa (2011). Porto Editora, Porto.

Dicionário Gramatical de Verbos Portugueses. (2007). Textos Editores, Lisboa.

FORTKAMP, Mailce Borges Mota e TOMITCH, Lêda Maria Braga (2008) Aspectos da Linguística Aplicada. 2ª ed. Florianópolis: Insular.

GRAY, David E.(2012). Metodologia de pesquisa. Pesquisa no mundo real. 2ª edição . Porto: Porto

GOMES, A. et al.(1991) Guia do professor de Língua Portuguesa, 1º volume, 3º Nível, fundação Calouste Gulbenkian/Lisboa.

LAMAS, E.P. R., et al. (2007) Técnicas de Expressão oral e escrita, Edição: Instituto Superior de Língua Portuguesa, Setembro.

MIGUEL, Maria H. (2014) Dinâmica da pronominalização no Português de Luanda. Luanda, Mayamba editora.

NETO, Agostinho (1980), Ainda o meu sonho. Lisboa, edições 70.

NETO, Conceição Garcia. (2009), O perfil linguístico e comunicativo dos alunos da escola de formação de professores'' Garcia Neto''. Tese de mestrado, Universidade de Lisboa, Lisboa.

PESSOA, Beatriz.(2002), Guia Prático dos verbos Portugueses. 6ª ed. Lisboa, Lidel. P.

.PETERSON, Pedro Domingos (2003), O Professor do educación básico. Perfil e formação, Lisboa, Stória editores, Instituto piaget, coleção horizonte pedagógicos

POSTIC, M., (1990) Observação e Formação de Professores. Coimbra, Almeida.

REIS, et al.(1992) Didáctica do Português, Lisboa: Universidade Aberta.

RAMOS, M.B.P. (1989). Formas de tratamento no falar de Florianópolis. Florianópolis: UFSC. Dissertação de mestrado inédita.

Rosa, Leonel Melo (1998), *Vamos lá continuar*, Lisboa, Lidel. P.

SAMUELS, Michael, Anthony. (2011). *Educação ou Instrução: A história do Ensino em Angola*. Mayamba, Luanda.

SILVA, António Burity da. (2008).In: *Jornal de Angola*,24/11/

SEQUEIRA, F. et al. (1993) *Ensino-Aprendizagem da Língua Portuguesa*, Leiria: Instituto Politécnico de Leiria.

TRINDADE, A.R. (1990) *Introdução à Comunicação Educacional*. Lisboa: Universidade Aberta.

VILELA, Mário (1995). *Gramática da Língua Portuguesa*.

ZAU, Filipe (2005). *O professor do ensino Primário e o desenvolvimento dos recursos humanos em Angola (Uma visão prospectiva)*, Lisboa: Universidade Aberta. Tese de doutoramento.